

E chorou mais, muito mais ainda, deixando que seus nervos vibrassem violentamente àquela mágoa, com uma veemência nunca atingida pela sua doentia sensibilidade.

CAPÍTULO VI

FLORZINHA estava sentada, a fazer croché, à sombra da folhuda mangueira do quintal, e, manejando a longa agulha, cismava em coisas que ultimamente tinham vindo dar à sua existência uma feição insólita, perturbadora, como se de repente abrolhassem pedrouços ásperos no leito de um regato tranqüilo e claro. Até então ela vivera na fruição secreta de um afeto infantilmente casto, brotado um dia em seu coração, mas tão velado e tímido que ninguém jamais o suspeitara. Ela surpreendera um olhar de mudo fervor que lhe foi ter ao fundo d'alma, rapidamente, como o vento leva um embrião de flor ao fundo de uma gruta. E a flor lá vivia palidamente na sombra do seu primeiro segredo da umidade, das suas lágrimas sem motivo ainda, lágrimas que são apenas a condensação dos primeiros sonhos no ambiente frio da realidade exterior.

Agora queriam arrebatá-la à sua deleitosa obscuridade, atirá-la à plena luz que fecunda ou cresta, e um receio aflitivo a salteava, enchendo-lhe a cabeça dos zumbidos precursores da vertigem. Ela se sentia como agarrada por um braço estouvado e invisível que a puxava e sacudia, despertando-a para sempre do sonho doce que vinha sonhando e com o qual se contentava a sua alma desambiciosa e resignada. Era uma mulher feita, e a vida a solicitava para assumir um posto. Essa intervenção despótica, exercida por intermédio de seu pai, fazia-a viver desde algumas semanas num opressivo ambiente de temerosas ansiedades.

Como costumava nos dias de descuidosa tranqüilidade, fora sentar-se debaixo da mangueira do quintal mas com o semblante anuviado pelas inquietações que lhe trabalhavam o íntimo e com os olhos fosforeados de clarões de febre.

Suavemente ensombrado àquela hora da tardinha, o quintal ficava isolado de todo o rumor da casa e da rua, fechado por altas cercas revestidas espessamente de melão-de-são-caetano, como verdes muralhas impenetráveis à vida exterior. Os irmãos pequenos faziam suas correrias na calçada, o pai tinha ido à seca¹¹ em casa do

¹¹ Expressão tipicamente do falar lusitano, estranhável em Sales. Seu emprego, talvez, respondesse ao desejo de fazer concessão ao leitor português, pois o livro seria (e o foi) editado em Lisboa.

vigário, a mãe estava a cuidar dos arranjos da casa, e ela, sozinha ali, revolvía em sua cabecinha ardente pensamentos impertinentes como hóspedes intrusos e barulhentos, numa habitação onde reinava o amável silêncio da serena felicidade. Doía-lhe pensar, mas pensava, e a longa agulha de níquel oscilava entre seus dedos frios e trêmulos, elaborando impecavelmente os arabescos da tira branca que se lhe enrodilhava no colo.

A solidão, que sempre fora grata ao seu espírito de contemplativa, atemorizava-a naquele momento, e vinham-lhe ímpetos de fugir dali e ir para o lado da mãe, cingir-se a ela como no tempo em que as histórias de almas penadas a enchiam de incoercíveis terrores.

Mas Mariana, a velha ex-escrava que a criara, lá vinha se arrastando para fumar o seu cachimbo junto ao tronco da mangueira, sentando-se quase a seus pés, a soltar em silêncio lentas e tênues baforadas, muito entretida em ver as galinhas subir uma a uma para os galhos das ateiras, depois de calcularem por um instante o esforço preciso para a ascensão. Num momento em que Florzinha parara as mãos e descansava o dorso de encontro ao encosto da cadeira, a preta tirou o cachimbo da boca, encalçou o fumo com o dedo e, cuspiendo para o lado, rompeu o silêncio:

— Você sabe que Lina está outra vez banzando?

Florzinha compreendeu que Mariana fazia um exórdio para chegar a outro assunto; mas, afetando interesse pelo caso de Lina, antiga criada de uma família vizinha, exclamou:

— O que! já saiu da casa do Zé Lopes? Mas não faz quinze dias que ela foi para lá!

— É como lhe digo, Fulô. Aquilo lá toma mais juízo! Estava ganhando oito mil réis por mês e roupa só para cuidar dos meninos.

— Mas por que saiu ela?

— Sei lá! Veio esta noite cá contando muita lambança, que o Zé Lopes é muito impertinente, que a mulher é muito enjoada, que os meninos são uns capirotos... Partes de cabra influída, que quer casar.

— Ah! Ela vai casar? Com quem?

— Eu nem te digo, menina. Com uma peste de caboclinho sem fundamento, que bebe de cair e é aleijado de um braço. Não te lembrás do portador das canas que a tua amiga do Grajaú te mandou outro dia?

— Sim, lembro-me; estava muito êbrio.

— Aquilo só vive tonto, é um dia sim outro também. Então está em cima da fartura da cachaça!

— Que maluca!

— A cabra só fala em casamento, tanto pra ele como pra os outros. E sabe o que ela me contou? Que você também está pra casar.

— Que história é essa? — disse Florzinha com aspereza, tornando-se rubra e franzindo os sobrolhos.

— Diz que na Feira é só em que se fala; todo o mundo faz caçoadade de ti com esse doutô novo que vem aqui.

Florzinha não replicou, mas a expressão carregada do seu semblante fez com que a preta não prosseguisse. Se a menina ficava aborrecida só com isso, pensava ela, quanto mais se soubesse que diziam que o doutor só queria divertir-se à custa dela, que chamavam seu pai de alcoviteiro? E a pobre da D. Bilinha, então, que não diziam dela também com o doutor? Isso ainda era pior.

— Mãe soube alguma coisa do que a Lina disse? — perguntou por fim Florzinha com os olhos no croché.

— Menina, eu acho que não: a Lina só esteve comigo na cozinha e depois foi embora.

Fez-se de novo um silêncio; Mariana tornou a encalçar o fumo do cachimbo e, deitando-se de lado sobre o cotovelo e baixando a voz para o tom das confidências, perguntou com uma inflexão maternal:

— Mas, Fulô, não há mesmo nada, não, entre esse moço e você?

— Que pergunta, Nanã! Um homem que chegou outro dia... Nem ele pensa em mim nem eu nele. Fico furiosa com essas histórias de casamento para mim!

— Ora, benzinho, você há de casar sempre com Sancho ou com Martim¹².

— Mas não quero essas histórias comigo! Que línguas malvadas as desta terra!

E a rapariga levou a mão aos olhos intumescidos por uma onda de pranto. A preta aproximou-se mais de Florzinha e abraçando-a pelos joelhos:

— Deixe de choro, minha filha; se você não quer, ninguém a obriga.

— Que não dirão de mim por aí! — exclamava a moça, enxugando os olhos na aba do casaco. Essa canalha da Feira é até capaz de escrever infâmias pelas paredes, como costuma.

Essas mofinas murais eram a arma terrível da maledicência da terra; as casas de pintura nova eram outras tantas colunas de Pas-

¹² Expressão hoje em processo de desaparecimento, modo eufemístico significando *com esse ou aquele*.

quino¹³, cobertas de inscrições, umas mais apagadas, outras mais frescas, contendo alusões a certos fatos ou a certas pessoas.

Com as últimas palavras, o pranto de Florzinha recrudescceu, sacudindo-lhe o peito com soluços abafados de encontro aos joelhos, sobre os quais ela se dobrara como uma planta batida por um sopro de borrasca. Mariana, muito arrependida de ter provocado aquela cena, acariciava-a, exortava-a, a não se mortificar à toa. Sinhá podia chegar. . .

D. Claudina apareceu com efeito e seus olhos se fixaram na filha, que, sentindo a sua chegada, começou a soluçar mais forte.

— Que é isto, minha filha? — interrogou, embora entreadivinhando já a causa do pranto.

Não tendo resposta, voltou-se para a preta:

— Que é isto, Mariana? Por que chora Florzinha deste modo?

— É pro mode umas histórias que a Lina contou.

E a preta começara a desenrolar de novo o seu exórdio cheio de apreciações sobre a Lina, quando a patroa a interrompeu impaciente:

— Mas que histórias são essas? Deixa-te de rodeios.

Florzinha enrolou atabalhoadamente o croché e recolheu-se à casa. Então a preta, muito escabriada, reproduziu as histórias da Lina em todas as miudezas, inclusive a parte referente à professora; e concluiu dizendo:

— Vosmincê sabe que eu não sou de mexericos; falei a Fulô pensando que fazia bem. Antes eu não me metesse com o que não é da minha conta. Os brancos lá se entendem com os seus furdunços!

Mariana levantou-se, batendo com o cachimbo no tronco da mangueira para fazer cair a cinza. D. Claudina ouvira em silêncio toda a narrativa; o caso, em sua desagradável complicação, magoava a sua natureza simples, afeita ao ramerrão bonançoso de uma existência sem dramas. Com que direito vinha essa gente tomar conta de sua filha, uma pobre criança que era avontada como um exemplo de bom comportamento? Ainda andou alguns instantes arrastando o seu corpo anafado por baixo das fruteiras, pungida de um mal-estar profundo e preparando-se para nessa mesma noite interperlar o marido e pô-lo ao fato do que se passava: ele era o responsável por tudo isso, na sua mania de ter um genro doutor. Se para isso se devia servir de zombaria na Feira e em toda a cidade e ver a sua filha chorar dessa maneira, agradecida, dispensava tamanha honra. D. Claudina deixou Florzinha a sós com a

¹³ Alusão erudita do autor ao hábito do *ronulacho* de Roma, a partir do século XVI, de afixar notícias, geralmente maldosas, ao pé de uma estátua mutilada, nas proximidades da casa de um sapateiro chamado Pasquino, num largo que hoje tem o seu nome. Por extensão, chama-se *pasquim* jornal que se dedica à intriga, à maledicência.

sua mágoa e foi sentar-se à roda da vizinha até que viesse o marido. Asclepiades voltou às oito horas com o promotor, hora em que de ordinário este costumava sair para o víspera da professora.

— O nosso promotor veio cear coalhada conosco, — anunciou o dono da casa com alvoroço amável.

— Dá-nos muito prazer, doutor.

— Que é da Florzinha? — perguntou, inspecionando a casa com um olhar inquieto.

— Foi deitar-se; está com muita dor de cabeça.

Asclepiades mudou subitamente de expressão; seu olhar tornou-se duro sob a testa encapelada de rugas. Conteve-se dificilmente para não exigir explicações mais completas. Alípio disfarçava com a caricatura de um sorriso o seu desapontamento. Passar duas horas com aquele casal e a filharada não era um prazer de deuses. Os meninos meio ariscos, meio risonhos, enroscavam-se pelos portais de dedo na boca, com uns grandes olhos curiosos.

— Estará esta matutinha a fugir-me? — pensou ele no primeiro instante, lembrando-se desse domingo em que a rapariga se esquivou com o propósito visível de não ir à igreja a seu lado. Nas suas visitas diárias, ela retardava o mais possível o seu aparecimento e sentava-se sempre no ponto mais distante dele, sem se interessar pela conversação, com um ar muito sisudo, como para significar que não estava ali por gosto. Timidez matuta, tática de garridice ou...? Talvez tenha algum namorado, quem sabe? — pensou de repente. Mas quem? À casa do coletor não vinha rapaz algum, ela nunca saía, e o amor próprio de Alípio não lhe consentia admitir essa hipótese. Os rapazes que conhecia eram tão toscos, tão ignorantes, tão dessemelhantes a essa criaturinha delicada e distinta... O nome de Matias nem sequer lhe veio à lembrança. Cada dia ela parecia mais retraída e mais silenciosa. Que seria então? Agora notava que isto ocorria desde que começara a encurtar as suas visitas para passar o resto da noite no víspera da professora. Ciumenta, portanto; não podia ser outra coisa. À sua vaidade de galanteador foi grata esta conjectura, e dela não quis mais sair. Era a mais racional e a mais cômoda. Até se esqueceu do desapontamento de sua ausência, cuja significação se tornara bem clara. “As mulheres são todas as mesmas! exclamava consigo. Ora vejam esta santinha a fazer cenas de ciúme!”

Seu fácil bom humor estabeleceu-se de pronto e ganhou-lhe o semblante com a espontaneidade de um gás que sobe à tona d'água numa bolha irisada. Seu espírito costumava sair da dúvida pela porta mais agradável, que é sempre a mais próxima. Contou anedotas, caçoou de algumas figuras e de alguns costumes da terra, rindo e fazendo rir alto, esquecidos todos da dor de cabeça de Florzinha, menos D. Claudina, que se mostrava menos expansiva: ela sabia que

a filha estava talvez a chorar lá dentro, não com dor de cabeça, mas com uma dor de coração, agravada naquele instante com a presença do bacharel.

E por momentos D. Claudina se tornava absorta a querer penetrar no fundo do espírito da filha. Não seria só o medo da maledicência que afligia assim o seu coração inocente e timorato? Mas de repente outros pensamentos a invadiam tumultuariamente fazendo o caos em sua cabeça pouco afeita a elucubrações profundas. Consentia na ação do marido porque julgava que a filha viria a aceitar de bom grado a corte do promotor; mas desde que a boca do mundo entrava a babujar-lhe o lar, fazendo a menina sofrer, já não podia tolerar que isso continuasse assim. Poucos dias antes censurara o descomedimento do marido: não ficava bem andar atirando a filha às ventas do promotor: ela, graças a Deus, não era nenhum rebotalho. “Tome cuidado com a língua do povo, Asclepiades!” Ia refletindo assim, mas uma gargalhada franca deste, já desbastado de suas sintomáticas rugas frontais, chamava-a de novo ao jogo da conversação. Asclepiades contava também, sem graça, venerandas anedotas e conhecidíssimos episódios de sua estada no Rio de Janeiro.

Lá dentro, Florzinha chorava ainda, frouxamente, monotona-mente agora. Ela sentia nascer-lhe um sentimento de aversão ao homem que admirara a princípio, que achara distinto e interessante, mas que a intimidara sempre, a humilhara com seus modos de príncipe entre campônios. Demais, das conversas que ouvia desde pequena, das leituras que fazia, se formara em seu espírito uma prevenção sistemática contra as pessoas educadas nas grandes cidades. Todo *praciano* lhe parecia suspeito como portador dos maus costumes, dos vícios a que os livros sagrados lidos no colégio se referiam sem dúvida quando falavam de perdição, de impiedade. Por esse motivo nunca pudera ser amiga de Bilinha, a quem dava sempre *dona*, a quem tratava sempre por *senhora*, a despeito das suas tentativas de intimidade. Naturalmente, Alípio a olhava como a uma matutinha tola, boa para diverti-lo e a quem dispensava amabilidades por uma compaixão protetora. Pois guardasse as suas amabilidades, que não lhe faziam falta e até a incomodavam pelo seu exagero e francismo.

Seu pranto secara no correr dessas reflexões, e, quando na sala de jantar um rumor de cadeiras arrastadas lhe fez perceber que o bacharel se retirava, de olhos enxutos e já possuída da curiosidade feminina, prestou ouvido atento às palavras que ali se trocavam em despedida.

— Queira apresentar os meus respeitos a D. Florzinha e dizer-lhe que me afligem os seus incômodos, — disse ele, elevando a voz para ser ouvido do quarto.

Se, por sua vez, Alípio houvesse ouvido o muxoxo que acolheu suas palavras, certo não teria saído dali com o semblante radioso do homem que se julga amado.

Asclepiades esperou que o bacharel se afastasse para fechar as portas, e D. Claudina entrou no quarto da filha. As duas mulheres olharam-se um instante em silêncio, com uma ansiedade terna e perscrutadora. Envolvida no lençol até o pescoço, um dos braços nu, dobrado sob a cabeça, fazendo oscilar levemente a rede com o impulso do pé contra a parede, a moça esperava impassível que a mãe lhe dissesse alguma coisa. Esta sentia ímpetos de sentar-se à beira da rede, cingi-la nos braços, enchê-la de carícias e comunicar-lhe a resolução em que estava de tomar o seu partido, de apoiar a conduta que o coração lhe ditasse; mas tal procedimento poderia concorrer para que a menina, sem mais exame, precipitadamente, se subtraísse às decididas intenções do pai. Ela, gozando embora em casa de uma larga autonomia, reservara discretamente ao marido um campo de ação que só invadia em ocasiões extremas. Mas se não expressou a promessa feita a si mesma naquele instante, com o fervor de um juramento sagrado, deixou-a transparecer no iniludível olhar com que retribuiu o olhar ardente e penetrante nela cravado. Nesse momento Asclepiades deixava explodir o mau humor sopitado até então e batia brutalmente as portas.

— Estás ouvindo? Teu pai está furioso porque não apareceste, apesar de eu lhe ter dito que estavas com dor de cabeça.

Florzinha respondeu apenas com um gesto de aborrecimento.

— Acho que não devias aparecer ao doutor assim com os olhos inchados e nervosa como estás; mas também ele não é culpado do que se diz na rua.

— Culpado ou não, posso deixar de sentir-me dessas coisas? Naturalmente ele sabe de tudo também, e se chegar aqui e encontrar-me de cara muito alegre... Acha a mamãe que é bonito andar o nome da gente de boca em boca como o das filhas do Pereira e outras doidas desse feitio? Ainda se fosse verdade! Mas mamãe bem sabe que é uma falsidade!

Estas últimas palavras foram ditas com voz tremida e regadas com um novo jorro de pranto que lhe correu pela têmpora e, quente ainda, lhe caiu no braço nu. D. Claudina estava profundamente abalada: era então certo que Florzinha não sentia inclinação alguma pelo bacharel?!. . .

— Tens razão, minha filha, tens razão; mas que há de pensar essa gente vendo esse moço vir aqui todos os dias e sabendo do entusiasmo com que teu pai fala dele em toda a parte? Verdade ou não, só pode pensar que vocês se gostam.

— Oh! mamãe! até você?... exclamou Florzinha numa explosão de soluços.

— Vem cá, deixa-te de criancices: digo que o povo tem direito de pensar assim, e não mente em relação ao Dr. Alípio, porque a verdade é que ele dá mostras de gostar de ti, e teu pai não esconde o contentamento que isso lhe causa.

— Mas eu não gosto dele! não quero ouvir falar nisso! bradou Florzinha com exaltação, sentando-se subitamente na rede. Se me aperrearem muito hei de acabar por tomar-lhe ódio e de não lhe aparecer mais nunca. Felizmente, vou breve para a fazenda de meu tio.

Com o movimento rápido que ela fez, caiu o lençol, e o seu busto se pompeou na meia nudez da camisa, muito branco e liso, finamente torneado, deixando entrever sob a pala de renda as duas pequenas protuberâncias dos seios mal sazoados ainda pela puberdade. Os cabelos de um louro carregado, quase castanhos, caíam-lhe dos lados formando um resplendor para a beleza terrena do rosto, onde os olhos úmidos punham faíscas de revolta. Era tão formosa, assim, que D. Claudina esqueceu a réplica e ficou a contemplá-la num êxtase de vaidade materna.

— Mulher! — gritou do seu quarto Asclepiades.

Essa maneira de chamar a esposa usava-a Asclepiades nos momentos tempestuosos; quando reinava a bonança, D. Claudina passava a ser — minha velha — ou mais ternamente ainda — minha cabocia.

A carícia contida, a promessa calada se exteriorizaram então irresistivelmente. D. Claudina sentou-se à beira da rede, abraçou a filha, beijou-lhe a testa e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Dorme bem, minha filhinha, e fica sabendo que a tua mãe será sempre por ti.

Sentado na rede, de camisola, a cara embelezada, a torcer o canhaque entre o polegar e o índice, Asclepiades fumava nervosamente o seu cigarro. A mulher, silenciosa, ia-se despindo. Compreendendo afinal que era preciso provocar as explicações desejadas, ele inquiriu numa meia voz colérica:

— Sua filha está mesmo doente?

— Não, está muito sentida — e com razão — de seu nome andar por aí na boca do mundo.

E a matrona narrou o acontecido, acrescentando:

— Não sei ao certo se ela gosta dele ou não, porque, nervosa como está, não se pode sondá-la bem; mas acho que não faz bom cabelo andar uma moça, quase uma menina ainda, à mercê das más línguas. Você, como pai, veja o que deve fazer.

— E por que não há de corresponder ela às atenções do Dr. Alípio? observou o pai, que não admitia dúvidas a esse respeito. — Ela nunca poderá encontrar partido melhor, nem mesmo igual!

— Não digo que não; mas só pode ser feliz quem casa com doutor? Que felicidade é a da Nuca em ter casado com o Dr. Gomes da Costa? Um homem morto, um defunto em pé!

— Ora, minha senhora, não compare água com vinho! Você acha que o Dr. Alípio tem cara de tísico?

— Isso não tem. Você está certo de que ele quer seriamente casar com sua filha?

— Certeza não tenho, mas há muitas probabilidades. Agora, se ela começa com as suas tolices de bicho arisco, está claro que não se fará nada. Não se apanham moscas com vinagre. Que tem que falem por aí? Isso é muito natural numa terra pequena. Pode-se tapar a boca do mundo? Se falam por inveja, fiquem certos esses botocudos de Ipuçaba de que não tenho minha filha para nenhum deles.

— Faça o que entender. Só uma coisa lhe digo: não quero minha filha enxovalhada.

— Deixe por minha conta.

— E também o previno de uma coisa: contra a sua vontade, ela não há de casar; mesmo que seja com um príncipe, quanto mais com um doutor.

Ainda por largo espaço falaram no bacharel, que naquele momento batia as ruas sem rumo certo, segurando as extremidades da bengala atravessada nas costas. A falta do entretenimento do víspera tornava-lhe abominavelmente longas aquelas horas da noite, acostumado como estava a passá-las em ceatas¹⁴ nos cafés do Recife ou em pândegas com estudantes e com mulheres. Felizmente, Bilinha devia ter voltado à casa, ou, quem sabe, talvez chegando naquele momento, pois, informara a Benévinda, D. Maria Lina tinha ido buscá-la. E, estugando o passo, bordejou para a casa da professora, na esperança de um encontro possível.

Através da cidade, negra como uma viúva recente, sem uma única porta aberta àquela hora, nada se ouvia senão o ladrar monótono dos cães e a surriada escarninha das corujas dentre o arvoredado dos quintais. No céu preto e solene as estrelas piscavam a miúdo os olhos azulinhos. Bafagens mornas traziam a espaços vagos aromas de plantas agrestes e a rescendência adocicada da bagaceira de um próximo engenho de cana.

¹⁴ A palavra *ceatas* é também de cunho peculiar luso; não pertence ao falar brasileiro, menos ainda ao nordestino.

Já teria Bilinha chegado? Ao chegar perto da escola parou, viu-a fechada e alongou um olhar para as bandas da casa do Chico Herculano: nem um vulto, nem um ruído na escuridão silente. Desenganado, deu a volta do quarteirão para recolher-se, quando ouviu um tropel de passos e vozes de pessoas que se aproximavam.

Ele passava justamente pelos fundos do quintal da escola e ouviu bater ao portão. Era Bilinha com certeza, que acabava de entrar. Estava de pé, a amargar a sua decepção, furioso por se ter retardado esse minuto fatal. Em tal atitude foi encontrado por dois transeuntes que lhe deram boa-noite e se puseram a rir ao se afastarem alguns passos.

Alípio compreendeu então a inconveniência de ter sido encontrado ali, e, mais irritado ainda, deu de marcha para casa. Mas pouco depois, mudando de idéia e de direção, acendeu um charuto e enveredou para a banda das casinhas do Açude.

CAPÍTULO VII

IA CORRENDO ABRIL, o mês “das águas mil”¹⁵, quando os botões se intumescem para rebentar na esplêndida floração de maio. Os roçados sofriam a primeira capina, que os desbravava do ervaçal daninho, alastrado invasoramente por entre as carreiras do milho, afogando no embastido das suas hostes intrusas os feijoeiros salpicados de flores roxas com feitiço de borboletas e os jerimunzeiros que se abriam em campânulas de ouro fulvo.

Já saturado d'água, o solo não emitia esse calor de cio que lhe irradia das entranhas ao contato das primeiras chuvas. Os rios corriam túrgidos, na majestade soberana das grandes forças, atingindo a crla das altas ribanceiras, de onde se debruçavam os mofumbos folhudos e os canoés alongavam as raízes longas e retilíneas como os tubos de um órgão. O marulho surdo das águas, rolando sobre as lajes do leito, acompanhava o grande coro das aves, cujas vozes, diferentes de som e de expressão, se harmonizavam no mesmo honsana festivo em honra da estação bendita.

Parece que entre as aves o feitiço físico corresponde a um dado temperamento imutável para cada coletividade do mesmo tipo. Da ordem à família, da família ao grupo os caracteres vão-se acentuando com uma precisão infalível. Por um pássaro se conhecem os

¹⁵ Há, muito comum ainda no Nordeste, a expressão “abril, águas mil”. É que o clímax das chuvas, normalmente, ocorre no mês de abril.